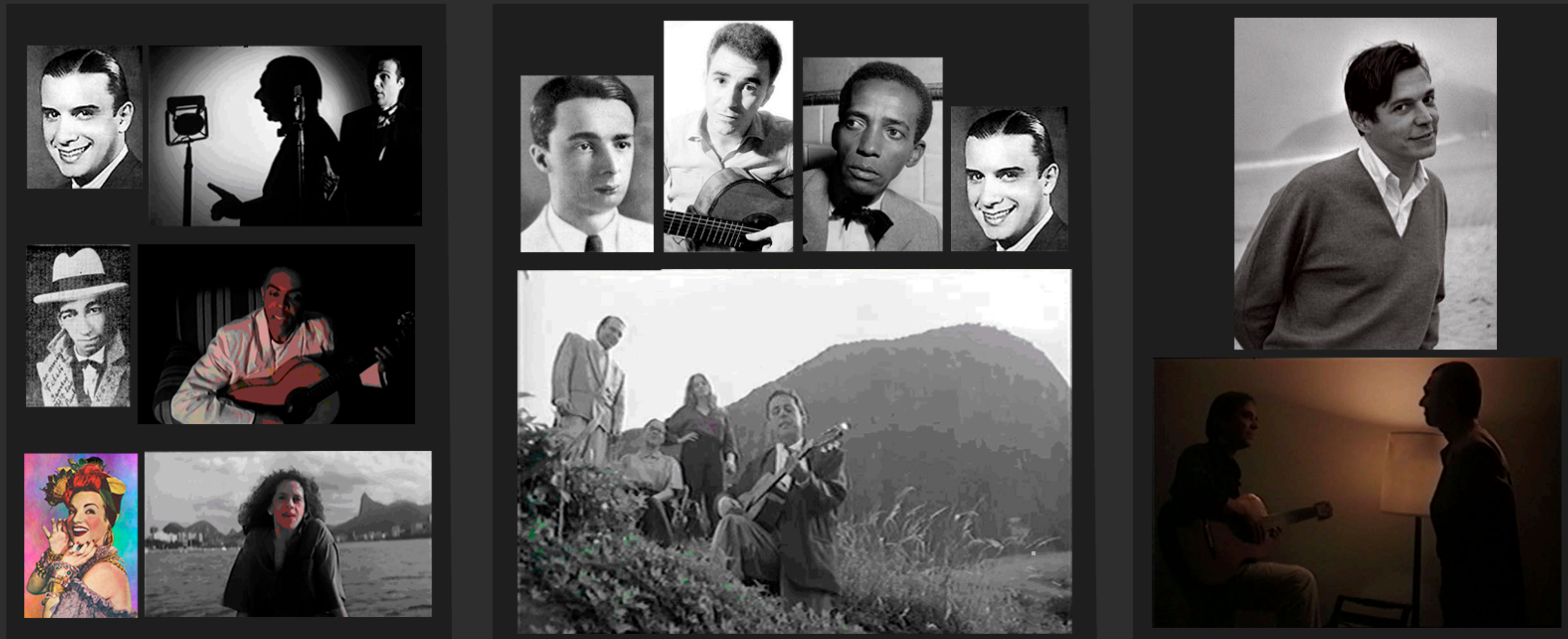


Júlio Bressane

e os jogos de designação



Júlio Bressane e os jogos de designação integra o projeto de pesquisa *Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros sobre o audiovisual* e investiga a construção do referente no filme *O Mandarim* (1995), partindo de seqüências que apresentam personagens históricas da música brasileira (Mário Reis, Sinhô, Carmen Miranda, Noel Rosa, Tom Jobim, etc.). A partir do procedimento metodológico da serialização, fundamentado na *Lógica do Sentido* (1969), de Gilles Deleuze, investigaram-se os modos de indicação que o diretor engendra em seu filme.

Nota-se que há, primeiro, um tipo de designação tradicional em que o ator representa seu personagem, ainda que a partir de procedimentos bastante diversos: Fernando Eiras faz uma representação icônica de Mário Reis, dublando canções e gesticulando como o representado; Gil também representa Sinhô, mas adiciona elementos estilísticos próprios quando canta, somando ao signo indicial de Sinhô o seu próprio estilo; e Gal representa Carmen Miranda por procedimentos simbólicos de inversão: a imagem é sóbria, o ritmo é bossanovista e a gesticulação, contida.

Depois, um novo jogo de designação aparece com Noel Rosa interpretado por Chico Buarque. O ator, aqui, canta duas canções do compositor representado: "Provei" e "Filosofia". Por sua vez, também Chico tem canções suas interpretadas no filme ("A Banda", cantada por Mário Reis em uma gravação de 1971, e "Voltei a cantar", cantada pelo ator Fernando Eiras, que

representa Mário). Tudo isso sugere que o foco interpretativo se desloca do referente representado para o próprio processo de semiose: Noel, que era representado por Chico, que era interpretado por Mário, que era representado por Eiras. Entre todos eles percebe-se uma espécie de linha estilística contínua, como se fossem os sambas que produziram seus autores, e não o contrário.

No terceiro jogo de designações identificado, Edu Lobo é chamado de Tom Jobim, personagem que diz a Mário Reis (interpretado por Fernando Eiras) que lhe cantará um choro composto com Noel Rosa. Interpreta, porém, "Choro Bandido" (1986), que é de sua autoria (Edu Lobo) com Chico Buarque (intérprete de Noel no filme). O transe da designação chega, aqui, ao seu ponto culminante: Edu se expressa na canção como ele mesmo (a versão do filme é bastante semelhante à de estúdio), e, no momento em que há uma participação de Tom Jobim (cantarolando no refrão), é o personagem Mário Reis quem intervém e canta como Tom. O jogo transforma-se em um transe dos representâmens, em que a música tem primazia como distribuidora das identidades.

A partir da análise em conjunto dessas séries e de sua observação do ponto de vista da proposição (ainda conforme Deleuze), pode-se verificar uma tendência no cinema de Júlio Bressane de promover a desconstrução das estratégias de designação em direção a um cinema cuja lógica é a do sentido fabulado.



Equipe

Cássio de Borba Lucas

cassio@borba@gmail.com

André Corrêa de Araújo

andre@araujo@gmail.com

Luiza Müller

luizaemuller@gmail.com

Orientador

Prof. Dr. **Alexandre Rocha da Silva**

arsrocha@caosmose.net

<http://www.gpsc.caosmose.net/>

Bibliografia básica

Aumont, Jacques. *As teorias dos cineastas.* Campinas, SP: Papius, 2004

Bressane, Júlio. *Alguns.* Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996

Bressane, Júlio. *Cinemancia.* Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2000

Deleuze, Gilles. *A Imagem-tempo.* São Paulo, SP: Brasiliense, 2005

Deleuze, Gilles. *A Lógica do Sentido.* São Paulo, 2000

Peirce, Charles Sanders. *Semiótica.* São Paulo, SP: Perspectiva, 2012